

## O LIVRO DAS PROMESSAS

Por MENDES BOTA

*Deputado, Presidente da Comissão Parlamentar  
para a Ética, a Cidadania e a Comunicação*

A revista “Visão”, insuspeita de simpatia governamental, publicou há dias um artigo intitulado “O País prometido”, da autoria da jornalista Sónia Sapage, no qual revisitou o programa eleitoral do PSD de 2011, e outros panfletos de campanha, seleccionando as medidas “mais emblemáticas ou polémicas escrutinadas nas urnas”, para fazer um balanço a três quartos do mandato em curso.

O exercício vale o que vale, na subjectividade da escolha dos sectores e das medidas em apreço, para fazer uma avaliação de desempenho do actual Governo da coligação, mesmo que apenas à luz das promessas eleitorais do PSD, o mesmo será dizer, do Primeiro-Ministro Pedro Passos Coelho.

Não deixa, por isso, de ser interessante constatar que, com um ano ainda pela frente, a taxa de cumprimento das “promessas eleitorais” já vai nos 63%, mesmo tendo consciência da diferente densidade de cada uma delas.

Por este andar, tudo indica que esse grau de cumprimento possa vir a atingir no final do mandato um valor superior a 80% o que, tendo em consideração as condicionantes inesperadamente acrescidas da estrutura e da conjuntura política, económica e financeira encontradas à data de Junho de 2011 é, naturalmente, um balanço extremamente positivo.

Se houve alguém que chegou ao poder, sem prometer facilidades, foi Pedro Passos Coelho. Recomenda-se a leitura do seu discurso de tomada de posse.

Se alguma vez existiu um Governo que actuou sem olhar para o calendário eleitoral, ou sem se deixar perturbar pela espuma mediática e pelo ruído da rua, é o décimo nono da lista. Pode ter “lixado” os partidos que o suportam em dois actos eleitorais consecutivos, mas soube colocar os superiores interesses colectivos acima dos interesses imediatos e partidários.

Um voto não vale uma medida eleitoralista que agrave a situação do País, e esta é uma virtude rara na classe política, que merece ser valorizada.

Se juntarmos ao cumprimento dos compromissos, do Estado e do Partido, os resultados já iniludíveis de uma estratégia que apostou na credibilização externa de Portugal, ao muito que se fez para a reforma do Estado e das atitudes (dos indivíduos, das empresas, da administração pública e das instituições), por acréscimo aos

panfletos, ou ao memorando de entendimento, não faltarão argumentos quando chegar o julgamento supremo dos eleitores.

É que esta avaliação contrasta com o festival de promessas fáceis, vazias e demagógicas que emanam do balcão imediatamente à nossa esquerda. Durante estes três anos, o Partido Socialista não soube constituir-se numa oposição responsável. O seu contributo para solucionar o problema gigantesco que ele próprio criou aos portugueses, foi nulo. Zero! E agora, à vista de todos, desperdiça a cada dia que passa a oportunidade de ser uma alternativa credível. Um caso perdido de cegueira pelo poder, a qualquer preço, custe o que custar. Um caso de estudo, à escala mundial.

<b>SECTORES</b>	<b>PROMESSAS CUMPRIDAS</b>	<b>PROMESSAS NÃO CUMPRIDAS</b>	<b>% CUMPRIMENTO</b>
<b>EDUCAÇÃO</b>	4	6	40%
<b>SAÚDE</b>	7	3	70%
<b>FINANÇAS E ESTADO SOCIAL</b>	7	3	70%
<b>JUSTIÇA, SEGURANÇA E DEFESA</b>	7	3	70%
<b>ECONOMIA E OBRAS PÚBLICAS</b>	7	3	70%
<b>ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E SISTEMA POLÍTICO</b>	6	4	60%
<b>TOTAL</b>	38	22	63%

*\*Quadro baseado no artigo “O País prometido”, publicado na revista “Visão”, em 26/06/2014.*